

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Joaquim Lopes Pereira**

registada em 2008-09-17  
por

Carla Aguiar e Hugo Pereira



## Joaquim Lopes Pereira

Joaquim Lopes Pereira nasceu a 10 de Julho de 1957, no Piódão, em casa. Os pais chamavam-se Francisco Pereira e Gracinda dos Anjos. Eram naturais do Piódão. O pai era empregado do Estado nos Serviços Florestais. Era guarda-florestal. A mãe era da vida rural, do campo. Joaquim teve três irmãos. Andou na escola, no Malhadinho, mas, “antes de ir para a escola, ia buscar um molho de mato” e “quando chegava da escola, ia buscar outro”. Andou na escola até aos 11, 12 anos, mas não chegou a tirar a quarta classe. Da escola, foi para um empreiteiro. Esteve em Lisboa, mas pouco tempo, um ano e pouco, num restaurante de um primo. Depois, foi para um empreiteiro de Alvôco das Várzeas, tinha 18 anos. Mais tarde esteve na Alemanha, teve dois contratos de nove meses. Depois trabalhou na França durante dois anos e tal, três anos. E em 2000, foi para a Suíça, trabalhar para a Frutic. Esteve fora seis anos, viveu com portugueses, espanhóis, italianos e jugoslavos. Quando regressou foi para a equipa de sapedores do Piódão.

# Índice

Identificação Joaquim Lopes Pereira.....	4
Ascendência Francisco Pereira e Gracinda dos Anjos.....	4
Infância Tempos porreiros.....	4
Casa "A casa onde eu nasci".....	5
Religião Sempre todos juntos.....	5
Educação "Era miúdo, mas já era mau".....	6
Percurso profissional Entre Portugal e o estrangeiro.....	8
Costumes Festas populares .....	14
Lugar Piódão e o comércio.....	16
Sonhos Umas cabeças de gado.....	19
Avaliação Para aprender.....	20

## **Identificação *Joaquim Lopes Pereira***

Chamo-me Joaquim Lopes Pereira. Nasci a 10 de Julho de 1957 no Piódão, em casa. A minha mãe, que Deus tem, veio ao Piódão, ao senhor Arnaldo, que era quem dava medicação, injeções e tudo. Fazia de médico. Depois, apertaram-lhe as dores. Veio uma mulherzita, que fez de parteira, e assim me teve. Lá esteve dois ou três dias e depois levou-me para baixo. Na minha cédula está Torno mas eu nasci em casa, no Piódão.

## **Ascendência *Francisco Pereira e Gracinda dos Anjos***

Os meus pais chamavam-se Francisco Pereira e Gracinda dos Anjos. Eram naturais do Piódão. Ele nasceu ao fundo do povo do Piódão numa casa alta e branca que lá está. Já foi reconstruída. Ela nasceu na casa onde vivo hoje, que já foi toda deitada abaixo e reconstruída.

O meu pai era empregado do Estado nos Serviços Florestais. Era guarda-florestal. A minha mãe era da vida rural, do campo. Tinham ovelhas, cabras, galinhas, pombos, gatos, cães. Tinham tudo.

Tenho uma irmã e outro irmão. Eram dois irmãos, mas um morreu ao fim de uns dias. Era mais velho do que eu. Viveram em casa dos meus pais até se casarem. Depois, casaram-se, um foi para Lisboa e outra está em Arganil.

## **Infância *Tempos porreiros***

Os tempos com os meus pais e os meus irmãos eram porreiros. Contavam-se histórias à noite, aquelas histórias do arco-da-velha. A gente, às vezes, até tinha medo de sair à rua. Lembro-me de muitas histórias, mas agora não vale a pena estar a contar. Era anedotas.

## **Chouriças porta fora**

Às vezes, havia aquelas brincadeiras. A gente, à noite, tínhamos os fumeiros na cozinha e tal, e eu dizia para os meus irmãos:

- Qual está mais tempo com os olhos fechados?

E quando eles fechavam os olhos, com a faca, ia às chouriças. Eram duas ou três que iam para dentro de um saco e saíam porta para fora. Ia para o petisco para o outro dia. Os outros faziam a mesma coisa. Era divertido. Os meus pais nem davam por falta delas, porque não as contavam. Conforme iam cortando, iam deitando para a panela do azeite, ou como é que se chamava isso, porque não havia frigorífico. Eu fazia as patuscadas mais ou menos com os que regulavam com a nossa idade. Não tinha brincadeiras com os meus irmãos, porque não chamava.

No Torno, não era só eu. Havia lá muita gente. Agora, é que morreu tudo. Eu tenho 50 e há mais velhos, mas foram para Lisboa em novos, aí com uns 12, 13 anos.

Aqui, no Piódão, jogávamos ao futebol ao domingo, ao fim da missa. Depois uns foram para um lado e outros foram para outro. Eu também fui.

### **Casa "A casa onde eu nasci"**

A casa onde eu nasci não era como está hoje. Era mais pequena. Era uma palheira. Agora é que já levou mais um piso para cima. Onde é a casa de banho, era a cozinha. Havia uma salita e um quartozito.

Agora, vivo na casa onde a minha mãe nasceu. Antigamente, não era como agora. Eu arranjei-a. Era uns quartozitos pequenos, que nem janelas tinham. Uma salita pequena, uma cozinha pequena... Era tudo a remediar. Tínhamos oliveiras e umas flores em volta da casa. Ainda tem hoje.

### **Religião *Sempre todos juntos***

Os meus pais eram religiosos. Eu também sou. Ia à missa todos os domingos, mas agora não vou. Íamos todos juntos. Tínhamos de estar ali caladinhos. O padre Manuel Fernandes era o que estava aí na altura. Estava com o padre António.

### **"Era um barra"**

Na doutrina, era um barra! Entrava por um lado, saía pelo outro. Quando a catequista dava conta, já eu ia lá em cima ao pé de uma pirâmide, que lá está, aos cantarões e às cantarinhas. Ia com os outros. Era cada tarefa que até metia dó! Havia catequistas para o primeiro ano, para o segundo, para o terceiro e para

o quarto. Às vezes, os do segundo não tinham catequista. Os do terceiro tinham, mas os do quarto não. Chamavam os outros e a gente abandonava:

- Também lá não vou!

Íamos por aí acima, por estas barrocas aos cantarões e às cantarinhas, que é uma flor amarela que dá uma campanária grande e cheira muito bem. As abelhas até pegam muito nisso. Íamos apanhar as flores. Trazíamos as cepas, depois enterrávamo-las. Eu enterrava lá no Torno. Depois, na altura da Primavera, em Março, rebentavam e depois era só cantarinhas e cantarões no meio daquelas fragas.

### **As excursões com o padre Manuel**

Lembro-me do padre Manuel. Nunca cá arranjou fortuna no Piódão. Fazia excursões para os garotos para irmos para a Figueira, para a Nazaré, para aqui, para ali. Quando me deixavam ir, ia. Quando havia alguns tostões em casa, porque nem sempre havia. O meu pai andava aí na floresta, a minha mãe não tinha ordenado, trabalhava no campo. Nem sempre havia dinheiro. Aparecia um bocado para comprar, compravam logo e depois tinham de puxar. A vida rural é assim. Agora está tudo ao abandono.

Vinha uma camioneta de Côja, da Ponte das Três Entradas ou de Arganil. A gente apanhava-a no largo e íamos, a rapaziada toda, os garotos todos "pia baixo"<sup>1</sup>. Levavam umas merendas, depois juntavam tudo e comíamos todos. Uns levavam presuntos, outros queijos, outros uns bocados de carne fresca que é a chanfana. Era assim.

### **Educação "*Era miúdo, mas já era mau*"**

A escola era lá acima no Malhadinho. Vínhamos 3 quilómetros a pé, do Torno para o Piódão. Vínhamos descalços. Não era só eu. Passávamos aí em certos sítios que não dava sol no Inverno. Até se ouvia o gelo por baixo a descer. A gente, a passar por cima, era cada tombo. Eu tenho uma prima que é arqueóloga. Dá lições na Universidade em Coimbra e disse que desde que começaram a mandar foguetões lá para cima para a atmosfera, estragaram-na. Antigamente, aí no mês de Dezembro, para abrir a porta tinha de se andar aí com um sacho a cavar a neve, senão, não conseguia abrir. Para dentro abria, agora para fora, não. Lembro-me que de manhã a gente fazia aquilo em meia hora e à

<sup>1</sup>por aí abaixo

noite, já não tínhamos preocupações, fazíamos aquilo numa hora, hora e meia. Íamos a brincar aí pelos caminhos abaixo.

Antes de ir para a escola, ia buscar um molho de mato. Quando chegava da escola, ia buscar outro. Ajudava os meus pais. Depois, é que fazia os trabalhos à luz do candeeiro a petróleo. O meu pai não deixava ir a gente à cama sem fazer os trabalhos de casa e rezar o terço.

## **A professora**

Tive várias professoras, mas só da última é que me lembro o nome. Era minha prima. Chamava-se Maria Gorete. Na escola, ela era um bocadito má. Tinha de ser, porque éramos 50 e tal alunos. Ela tinha que fazer primeira, segunda, terceira e quarta classe. As outras crianças vinham do Torno e da Foz d'Égua, das casas que estão recuperadas ao pé das represas. Havia muita gente. De Chãs d'Égua, da Malhada Chã, da Fórnea, do Tojo. Vinham para aqui, porque não havia lá professoras. Uma professora para tantos alunos. Há histórias até engraçadas.

## **Os chinelos da professora**

*Eu era miúdo mas já era mau. Estava muito frio e a gente acendia lá o lume. Os alunos todos iam à lenha. Púnhamo-la lá debaixo do telheiro da escola e acendia-se o lume de manhã até à noite. Ela, uma vez, meteu-me de castigo encostado a uma parede. Já ao tempo que lá estava:*

*- Ai, não me tiras aqui da parede?*

*Agarrei nos chinelos, espetei-lhe com eles para dentro do fogão. Teve de ir descalça.*

## **"Os livros davam de uns para os outros"**

Na escola, escrevíamos numas pedras de lousa com uns lápis também feitos de pedra. Às vezes, no caminho, a gente caía. Ia a mala ao chão, lá ia a pedra. O meu pai, que Deus tem, com uns arrebitos, lá arrebitava aquilo, ficava outra vez boa.

Antes do 25 de Abril, davam os livros de uns para os outros, porque não mudavam. Só depois do 25 de Abril é que começaram a mudar os livros. Livros da primeira do meu irmão davam para mim. O da minha primeira classe dava



para a minha irmã. O da segunda do meu irmão dava para mim e dava para ela. O da terceira era a mesma coisa e as ciências e tudo. O que eu gostava mais era da tabuada. Era assim.

### **"Conforme a gente falava, assim escrevia"**

Um ano, andámos na escola no Piódão mas não veio a professora. Íamos para as Casas Figueira, para a escola. O meu pai, todos os meses, tinha que pagar por mim e pela irmã, 50 escudos para a professora nos ensinar. Eram 25 escudos por cada um. O meu irmão já não andava na escola. Depois, chegou-se a altura das passagens. A minha irmã foi da segunda para a terceira e eu foi da terceira para a quarta.

### **As primeiras botas**

*Só quando fui tirar o exame da terceira classe é que o meu pai me comprou umas botas. Chegou-se a altura e parecia mal ir com uns sapatos esfarrapados ou descalço. Foi um homem de Vale de Maceira, chamado Bartolomeu, que era sapateiro, que mas fez. O meu pai disse assim:*

*- "Eu quero que passes!"*

*E eu fui de vontade "pia baixo"<sup>2</sup> e fiz as coisas bem. Há outra escola, para baixo de Casas Figueira, antes de chegar à Malhada das Cilhas. Lá levámos a merenda e lá fomos fazer a passagem. A minha irmã da segunda para a terceira e eu da terceira para a quarta. Por acaso até fiquei bem.*

Só que não cheguei a tirar a quarta. Eu andei lá até aos 11, 12 anos. Mas não tirei a quarta classe. Não aprendia. Depois fui para Lisboa, para uma pastelaria. Aí, andei numa escola da Câmara de Campo de Ourique. Dava muitos erros. Conforme a gente falava, assim escrevia. A palavra estava bem, porque era conforme a gente falava. Mas não era assim, era de outra maneira. O idioma era outro, pronto. Na Malhada Chã, não falam como aqui no Piódão. Há muitas coisas que eram diferentes.

<sup>2</sup>por aí abaixo

## **Percurso profissional *Entre Portugal e o estrangeiro***

Da escola, fui para um empreiteiro. Ainda era novito. Devia ter uns 14, 15 anos. Fui para Côja, para um tio meu. Aquilo mal dava para pagar os remédios à minha mãe, que Deus tem.

### **A lavar pratos**

Estive também em Lisboa, mas pouco tempo. Um ano e pouco. Fui lá para um restaurante de um primo meu. A adaptação foi fácil. Eram todos daqui da terra. O que lá fazia era lavar pratos na cozinha. Não era difícil. Ao princípio, perdia-me nas ruas, para chegar a casa, mas depois lá ia bater. Eles davam-me dinheiro para o eléctrico, mas eu ia a pé da Praça da Alegria para Campo de Ourique. Ainda era um bocado. Ficava com o dinheiro no bolso. De manhã, levantava-me cedo e ia a pé outra vez. Ficava a dormir lá em casa da madrinha do meu irmão. Não era família. Ela era do norte. Dali do pé do Porto, de Vila Nova de Gaia, se não me engano. Ele estava lá hospedado num quarto e eu dormia com ele no mesmo quarto.

### **Para Alvoco das Várzeas**

Depois, fui para um empreiteiro de Alvoco das Várzeas, chamado Mário Fonseca e Silva. Devia ter aí uns 18 anos. A firma ainda continua de pé. Andava a trabalhar em Cantanhede com uma máquina retroescavadora.

### **A retroescavadora**

*Um dia, disse que não trazia a máquina lá da vila. No local da obra, andava com ela, mas para a trazer para o estaleiro, não trazia. Não tinha carta de condução. Ainda hoje não tenho. Disse:*

*- Uma pessoa encartada, com carta profissional, pode levar a máquina para o estaleiro. Não levo, porque tenho de passar à porta da cabine da Brigada de Trânsito.*

*Há lá um quartel da Brigada de Trânsito. Eles tanto podem pegar como podem não pegar. E ele:*

*- "Tens que a levar, tens que a levar."*

*Eu disse:*

*- Não levo.*

*Chateei-me, vim-me embora. Fechei a máquina, disse:*

*- Estão aqui as chaves.*

*Arrumei-a. Não a deixei lá no meio da rua.*

*- "Tem que ir para o estaleiro. Se roubarem alguma coisa a responsabilidade é sua." - disse-me lá o encarregado-geral, que era engenheiro.*

*Eu disse assim:*

*- Não, senhor! Eu não tenho carta e a máquina não tem licença de circulação. O encarregado, que tem a carta profissional, pode-a levar. Eu nem carta tenho! Tenho só de motorizada.*

*- "Não, tem que a levar."*

*- Não levo.*

*Estavam lá uns caixotes do lixo. Meti-lhe a pá debaixo. Meti-os dentro da pá e arrumei-a lá a um canto. Agarrei nas chaves e atirei com elas para cima do banco.*

*- "Já que não a leva, a porta é a serventia da casa."*

*- Está bem, pronto...*

*Agarrei as minhas coisas e vim-me embora. Disse ao meu falecido pai. Já tinha morrido a minha mãe, também.*

*- Chateei-me lá com o senhor Jorge. Já trouxe as coisas.*

*- "Ai! Não te vão pagar e já está quase no fim do mês."*

*Ao outro dia estava lá o patrão:*

*- Você até fez bem. Segunda-feira, tem que ir trabalhar. Eu trago-lhe aqui o cheque.*

*Lá veio o cheque, tudo muito bem. Disse ao meu pai:*

*- Eu hei-de arranjar para outro lado.*

## **Na Alemanha**

Fui aqui atrás da serra. Havia uns rapazes que trabalhavam na Alemanha e eu falei com um deles. Diz ele:

*- "A gente vamos tal dia."*

Passado quatro dias ou assim:

*- "Eu vou para lá telefonar - falava muito bem alemão -, vais com a gente."*

Assim foi. Fui com eles. Fiz lá dois contratos de nove meses. No primeiro, correu tudo muito bem. No segundo, vimo-nos à rasca para receber, mas eu aguentei-me lá, até ao fim do contrato. Entretanto, fui para a tropa e nunca mais regresssei.

## Ranger

Na tropa, tirei a especialidade. Tirei o curso de Operações Especiais em 1978, nos Rangers, em Lamego. Estive lá 18 meses e meio, mas não gostava de andar fardado. Depois, fomos destacados para a Infantaria N.º 6 para o Porto, para uma companhia que lá havia de Operações Especiais. Era na Senhora da Hora. Havia a companhia do Comando, a companhia dos Serviços e outra que era para tirar a carta de condução. Depois, do outro lado, do lado do bar, havia também a de recruta. A outra de cima, era de Operações Especiais. E havia mais. De um lado são quatro, do outro, são três.

## O tanque

*Até vou contar uma história, que não havia de contar. Estava um rapaz preso há seis anos para ir responder, por causa de uma G3. Um dia, hesitei a saltar o tanque. Há lá um tanque com a pista de obstáculos. Eu hesitei. Em vez de saltar o tanque, caí para dentro. O outro que vinha atrás, em vez de travar, não travou e foi para trás de mim. Vinha muito colado. Até se me agarrou às costas e cortou uma perna numa garrafa. Eu saltava bem aquilo. Já tinha lá saltado tanta vez, mas aquele dia, hesitei e caí dentro. Aquilo era só óleo, só água, só lixo. O padre - que tem lá uma capela dentro, ao pé das oficinas da alta ou da companhia dos carros - era um major e disse:*

*- "Amanhã, quero aquilo despejado."*

*E estava lá a G3 que tinha desaparecido há seis anos. Estava boa. Aquilo era só óleo queimado. O rapaz, passado quatro ou cinco dias, foi logo posto em liberdade. Depois, foi lá ao Porto à minha procura. Se não fosse eu o outro saltava. Até convidou a gente. Fomos lá não sei já onde é que foi, a Ermesinde ou que foi, jantar com ele. Há coisas!*

Eu só vinha de mês a mês a casa. O dinheiro era pouco. Estava lá sempre no quartel. Ia fazer rondas a Campanhã, a São Bento. Conhecia bem aquilo. Agora é que se lá fosse, era capaz de não conhecer, porque aquilo está tudo mudado. Há 30 anos...

## "Agora é para a França"

Depois, um dia, estava no banco em Arganil, no Banco Pinto & Sotto Mayor. Estava lá um:

- "Eu precisava de levar um português ou dois, que soubesse assentar tijolo."

Esperei-o cá fora e falei-lhe. Diz ele:

- "Para Belfort."

- Então quanto é que paga?

- "Tanto."

- Vou pensar.

- "Olhe, que eu vou só daqui a quatro ou cinco dias."

Disse para o meu falecido pai:

- Fui para a Alemanha, agora é para França.

Mas eu na Alemanha, ainda aprendi a contar até dez e na França não aprendi nada, porque trabalhava ao pé de portugueses. Fui para o departamento 90, já no norte. Andei lá dois anos e tal, três anos. Depois, não foi que o homem despedisse a gente, começou-lhe lá a aparecer um problema na língua. Até lhe cortaram metade. Ele pagou-nos tudo e disse:

- "Tendes que ir embora que isto é a doença da moda."

Depois, morreu. Era um cancro que tinha na língua.

## **Para a Suíça**

Em 2000, fui para a Suíça, para a capital, Berna. Fui com um cunhado meu, que ainda lá está hoje. Já lá está há 20 e tal anos. Foi logo a seguir ao meu pai falecer. Trabalhava para a Frutic. Tinha um casarão muito grande. Naquilo, cabia lá 1000 e tal pessoas. Eu, por acaso, até estava bem. Estava no terceiro andar. Mas havia alguns que dormiam do chão para baixo a três e quatro pisos. Se a água, de noite, entrava pelas janelas, ficam lá todos afogados.

No tempo da Páscoa, há mais feriados na Suíça. É uma semana quase só de feriados e não se pode trabalhar. A religião deles é diferente da nossa. Pela nossa religião, temos de pagar mais do que o que eles pagam pela deles. Eu não sabia, porque se soubesse, dizia que era da religião deles. E tem que se pagar para a tropa e tudo. Tinha 1000 e tal francos suíços de desconto por mês. Para a Caixa e para a Igreja deles, que também lá havia Igreja nossa. Mas depois, recebi tudo.

Tínhamos cantina. Pagava-se 1,20 francos. Se quisesse comida portuguesa, fazia. A gente juntava-se e fazíamos nós todos. Daqui não se pode levar queijo, nem nada. A única coisa que se pode levar é uma garrafa de vinho do Porto. Nem aguardente. Se eles mandavam abrir o saco na fronteira, fica lá tudo e ainda temos de pagar um "x". Havia casas que vendiam produtos portugueses, que já tinham gajos contratados nas fronteiras. Passavam tudo e mais alguma coisa. A gente só fazia assim uns piqueniques.

Ao fim de vir de férias a Portugal, fui a uma inspeção médica. Vim cá em Agosto e quando chegámos lá, estava um nevão dos diabos. Não trabalhámos quatro dias. Ao quinto dia, era para ir trabalhar. Recebi uma carta lá na casa da Frutic em Berna. Eu não percebia nada de alemão, quanto mais suíço, que ainda é mais complicado. Fui a um café que era de um português e disse:

- Sabe ler?

- "Sei!"

Sabia ler.

- "Isso é melhor ligares ao teu cunhado. É para ires a Genebra fazer uma inspeção médica."

- Então, como é que eu agora vou para Genebra? Daqui de Berna para Genebra são 100 e tal quilómetros, sozinho!

- "Ah! Deves ir mais contigo. Não deves ser só tu que vais."

Tinha o número do contacto do meu cunhado e ligou.

- "O teu cunhado amanhã tem que ir a Genebra, à inspeção médica."

Diz o meu cunhado:

- "Eu daqui a bocado pego no carro e já vou lá ter com ele."

Ele não vivia na casa da Frutic, porque se pagava mais. Tinha uma casa dele. Agarrou no carro e foi à casa da Frutic, onde eu estava. Disse:

- "Olha, também vai fulano aqui da casa e fulano e fulana. Estes já cá fizeram dois anos, já foram a várias inspeções. Tens que ir também."

Ao outro dia de manhã lá me levantei. Vesti outra roupa, tomei banho e fui à inspeção. Só que fiquei mal. Dos outros, houve dois que passaram e três que não passaram. Um deles fui eu. Não me aceitaram, porque tinha problemas no coração. Mas o meu cunhado era cabo na firma - lá, não é encarregado, é cabo - e aguentou-me até ao fim do ano. Andava ao pé dele a trabalhar. Senão, davam-me 15 dias de baixa, ia levantar a minha conta e vinha para Portugal. Aquilo é tudo controlado com a Polícia.

Na Suíça é melhor que em Portugal. Eu punha cá 250 contos todos os meses. Dá 1000 e tal euros. Aqui onde é que se tiram? Não era aqui que me safava. Ainda hei-de ir trabalhar para fora. A esperança ainda não morreu.

### **"Estive fora seis anos"**

Estive fora aí seis anos, mais ou menos. Durante esse tempo, vivi com portugueses, espanhóis, italianos e jugoslavos. Quando fui para a Alemanha, fui viver com pessoas da Malhada Chã. Quando fui para a França, eram ali do pé de Tábua, perto de Santa Comba Dão, a terra do Salazar. Dos sítios por que passei, gostei mais da Suíça. É mais bonita. Mas é a mais fria. A gente urinava para

o chão, mas era proibido, na obra, tinha que ir à casa de banho. Passado um bocadito, passava o pé e já estava gelo. Já escorregava. Aquilo era mesmo frio. Quase todos os dias chovia, porque aquilo não tem mar. Só tem lagos, mais nada. Não é como a gente. Gostei de Neuchâtel. Fazem a festa das vindimas. Isso é muito bonito. Era com portugueses, suíços e suíças, tudo.

Quando vim de lá, meti-me na equipa de sapadores do Piódão. Actualmente, estou desempregado, mas para a semana já vou trabalhar para uma firma para Vila Nova de Ourém. Ao pé de Fátima. Trabalhar com uma giratória.

## **Costumes *Festas populares***

### **A pé e com a merenda**

As romarias era do Piódão até ao Vale de Maceira a pé. Demorava aí uma hora e meia, mais ou menos. Tínhamos que vir ter ao Piódão e depois levávamos o guião daqui da igreja, à Cruzada. Íamos com aquela fita, uma Cruzada, à romaria a Vale de Maceira, à Senhora das Preces. Depois, cada família levava para os seus filhos a merenda, porque não dava para lá comer.

### **São Pedro e Senhora da Conceição**

No Piódão, os santos são o São Pedro e a Senhora da Conceição. A Senhora da Conceição era em Dezembro, mas fazem-lhe a festa em Agosto. Este ano, fizeram dia 12 ou dia 13. É em Agosto, quando junta cá mais gente. É para fazerem dinheiro. No dia, há missa na mesma. É um dia santo, mas é em Agosto. Antigamente, também foi sempre assim.

No dia de São Pedro, era a missa na capela de São Pedro. E há leilão. Agora, o padre já não vai à capela. Diz que não pode. Se calha ao domingo, tem que trazer o São Pedro para a igreja. Se for ao dia de semana, tem que lá ir. Mas este ano parece que calhou ao sábado ou ao domingo e foi na igreja.

### **Procissão, leilão e bailarico**

Antigamente, quem organizava as festas era o padre. Às vezes, algumas pessoas ajudavam. No dia da festa aqui do Piódão, saem os andores todos. A procissão sai da igreja, vai a dar a volta ao cemitério e depois voltam outra vez

para cá. É preciso 70 pessoas para os andores todos, mais o pálio e tal. Participa a freguesia toda. Dois de um lado, dois do outro, três do outro, quatro do outro, participam todos. É quatro para cada um e parece que são 13. Estão três santos na capelinha da Senhora do Bom Parto; está o São Pedro, quatro; o resto está na igreja. São muitos. O pálio leva seis pessoas. Quem vai com a cruz, em geral, é o padre, mas este ano não foi. Ficou na igreja. Já está velho, não pode andar. É muita coisa.

Quando é o leilão, um vai para um lado, outro vai para o outro, todos fogem. Só lá fica um ou dois. O dinheiro está caro. Para o leilão, um dá uma garrafa de aguardente, outro dá o queijo, pronto. Cada um dá o que tem na vontade de dar. Outro não dá nada mas é capaz de lá deixar 20 ou 30 contos de ofertas e depois torna a oferecer.

Na festa, era só a banda de música. Nem havia concertina, nem acordeão, nem conjuntos. Agora é que já há. Às vezes, eu ia lá um bocadito, mas não sei dançar. Nunca aprendi. Antigamente, era ao pé do restaurante do Fontinha, em frente à fonte. Ali é que deitavam as coisas a lanço, ali é que dançavam. A rua não era assim. Era mais direita. Há 20 anos ou 30 é que meterem os esgotos e a calçada não ficou direita. Antigamente, as pedras até já estavam comidas de tantas pessoas ali passarem por cima. Agora, é à porta da igreja. Onde se vai para o coro, montam ali um palco e dançam em cima daquelas lajes.

## **Carta de explosivos**

Nas festas, quando eu tinha 20 anos, deitava o fogo. Iam buscar à Ponte Velha, ao Monte Frio ou à Relva Velha. Havia lá pessoas que vendiam. Iam lá buscar cinco ou seis dúzias. Aqui há 30 anos, deitava os foguetes. Agora, não os deito. Aquilo é fraco vício. Às vezes, ia na procissão, tinham que a largar para ir apagar o lume. Caíam aí no meio dos bocados, começava logo a arder. Agora, é proibido. Nem passam licença. Eu tenho carta de explosivos. Só acaba em 2010. Se ainda for para uma firma que tenha mais que 45 mil contos - não sei quanto é que dá em euros - e que me passe os papéis, posso renovar e fica perpétua. Têm que me passar uma declaração para a renovar. Gasto aí alguns 15 euros. Senão, nunca mais posso exercer essa carta.



## **Lugar Piódão e o comércio**

### **Portas e janelas azuis**

É tradição antiga, aqui no Piódão, ter as janelas azuis, os aros brancos e as portas também azuis. Têm que manter isso. O meu irmão, por causa dessas portas e das janelas em madeira, teve que pagar uma multa. Até eram umas portas que a gente com um pontapé abria. Agora, é que não.

### **"Já havia onde gastar o dinheiro"**

Antigamente, havia as tabernas. Havia a da Conceição, a do Lourenço, havia umas três ou quatro. Os de fora vinham e compravam aqui. Precisavam de 1 quilo de arroz, de 1 quilo de massa, compravam aí, àquele ou a outro. Já havia onde gastar o dinheiro. Era preciso é que o houvesse.

### **O correio, sempre a pé**

O correio, iam buscar a Pomares. Era uma senhora aí, a Laurinda, mais o irmão. O correio vinha numas malas. Uma mala para aqui, outra mala para ali. Gastavam duas horas, duas horas e meia. Depois, havia outro. Vinha cansado, chegava aqui, havia outro. Havia outra estafeta para os Chãs d'Égua. Ia aos Chãs d'Égua, a Foz d'Égua e por o Torno para cima. Se trouxesse alguma carta, tinha que ir daqui outra vez a Pomares para lá estar às cinco ou às quatro da tarde. Era complicado. Vinha a pé e ia a pé.

### **Uma carreira complicada**

A carreira vinha à segunda e à quinta-feira. Tiraram a da segunda-feira. Ficou só a de quinta. Depois, acabaram com essa, mas agora vem outra vez à quinta. Se houver aulas em Côja, sai daqui às seis e meia da manhã. Apanha os alunos aí "pia baixo"<sup>3</sup> e leva-os para Côja e para Arganil. À uma hora, sai de lá. Se não houver aulas, sai daqui a um quarto para as nove. Sai às três horas de lá para aqui. Às seis e meia tolera-se para quem tem que ir fazer análises e assim.

<sup>3</sup>por aí abaixo

Agora, um quarto para as nove... Enquanto tira os bilhetes e não tira, são nove horas. Quando chega a Arganil são dez, dez e meia. Uma pessoa tem que ir em jejum quando é para fazer análises. É muito complicado.

### **Padeiro todos os dias**

Vêm aí muitos padeiros. Vêm dois todos os dias e outro às terças-feiras. Ao sábado, vêm quatro. Vêm trazer o pão à pousada e dão aqui um salto abaixo. Não foi sempre assim. Antes de haver a pousada não vinha cá à aldeia. Era só à terça, à quinta e ao sábado. Mas ao sábado vinham sempre dois também.

### **Dia de Santa Cruz**

No dia de Santa Cruz, fazem as cruzes dos paus de louro que vão ao Domingo de Ramos à igreja. Aquilo fica abençoado, benzido. Fazem as cruzes e espetam na padieira da porta. Há aí casas que têm às 20 e às 30. Eu aqui nem as punha. Não quero. Isso é uma mania qualquer da religião.

### **O médico e a parteira**

Havia cá um senhor que tratava das pessoas, mas não era médico. À minha mãe, que Deus tem, deu-lhe os remédios para o coração conforme deu o médico. Disse:

- "Olha, tens que tomar isto, isto e isto."

Depois, a minha mãe foi a um especialista a Lisboa e os remédios que ele lá receitou eram os mesmos que este tinha dado aqui. Tinha um livro que sabia. Lia aquilo. Era entendido.

Havia também uma parteira, que era a mãe daquela Maria da Conceição. Essa é que fazia de parteira.

### **O pé "estrutagado"**

O pé "estrutagado" é mau jeito numa perna ou num pé. Depois, começa a inchar. Só com o tempo é que passa. Eles cosem aquilo num pano e dizem umas palavras. Rezam uns Pais Nossos e metem um copo virado em cima de um prato cheio de água. Se a água sair, aquilo nunca mais se cura. Se a água recolher para dentro do copo, cura. Mas eu não acredito nisso.

## "Serrar madeira"

Antigamente, há 20, 40 anos, havia aí serrar madeira. Mas não era com motosserra, era com um serrote. Um de um lado, outro do outro, deitavam o pinheiro abaixo. Uns era a traçar, a deitar abaixo e a esgalhar. Esgalhar é cortar as pernadas do pinheiro e tirar as rancas que nascem. Pôr a madeira limpa. Outros era com os machos a acartar aí para as estradas, para onde pudesse vir um carro. Aguentavam-se aí. Agora, a gente chega aí a um pinhal, com uma motosserra cheia de gasolina, faz o trabalho de dois, três ou quatro homens. Num dia, só com um depósito cheio. Desde que esteja a cortar bem, aquilo é sempre andar. Até o esgalha e tudo. Não é preciso lá estar com a machada.

Outros ofícios cá da terra era fazer o carvão - mas isso já não é de minha lembrança - e guardar gado. Ainda guardei gado, mas pouco tempo. Ia para o fundo, às vezes descalço, ao pé da capela que está no Colcorinho. Tudo a pé. Fazia bem.

## As melhorias

O Piódão não mudou nada. O que mudou é o turismo. O turismo é bom é para os comerciantes e para quem é ganancioso. O Piódão só tem futuro para os comerciantes.

Os esgotos foi uma coisa boa. As ruas mais bem arranjadas, os esgotos, que é o principal, e água. Antigamente, só havia água numa fonte e à capela de São Pedro. Quem queria água, ia ali e também à Fonte dos Algaes. Estava lá sempre a correr. Levavam a água para casa nuns cântaros em barro. Para regar, a água vem lá de cima da Serra do Açor para baixo. Depois, é apanhada em manilhas. Passa aqui pelo meio dos socalcos "pia aquém"<sup>4</sup> e desce por o meio do povo.

A luz também veio melhorar isto. O alcatrão também, na estrada. Apesar de ser pouco e de ser estreito. Havia de ter mais 1 metro ou 2. Mas não se têm registado grandes acidentes, porque as pessoas vêm ao medo. Como é estreita, vêm sempre a pau. Se tivesse uma dimensão de 6 ou 7 metros, começavam a abrir e quando dessem conta estavam uns em cima dos outros. Assim não.

<sup>4</sup>Por aí aquém

## O Piódão hoje

Fui aqui criado, gosto disto! Para mim a aldeia era mais bonita conforme estava antigamente. Há muita gente que vem aqui à procura de uma rua e já está diferente. No outro dia, uma senhora:

- "Então, onde é que é esta casa aqui?"

- Olhe, quer ver onde é que é?

Eu vim-lhe lá ensinar.

- É aquela ali.

- "Ai, não! Você está-me a enganar."

- É!

Chegou lá perguntou. E eles disseram:

- "É, sim senhora, é aquela. Já foi deitada abaixo e depois reconstruída."

Antigamente era mais bonita. A pedra não estava tão bem encamada. Mas se estivesse assim, já tinha caído tudo para o chão. Aqui na aldeia não gostava de ver nada mudado. Gostava era de ver a estrada arranjada até lá abaixo ao Torno. Se tivéssemos uma carreira todos os dias, a gente sempre vinha todos os dias aqui para o Piódão. O Chão Sobral é uma terra que tem muita gente, porque tem lá uma carreira todos os dias. Trabalham em Oliveira do Hospital, tem carreira. Chegam a tempos ao trabalho, dá para tirar a carta de condução ao fim do trabalho... Agora, a rapaziada, tudo tem carta, tudo quase tem carro. Mas a carreira nunca abandonaram. Tem a carreira à noite, às seis horas. Às sete horas estão em casa. Nós aqui no Piódão não temos nada. Veio aqui o médico ontem. Agora só vem daqui a um mês. Nem um enfermeiro, nem uma enfermeira. Andam aí por esse caminhos pedestres, vão para a Foz d'Égua, vão para os Chãs d'Égua, vão para o Torno. Caem ou cai uma criança ou uma coisa qualquer, não há nada. Podia estar uma enfermeira permanente pelo menos nos três meses do Verão. Tem uma empregada na igreja. Pode lá estar. E então não pode estar aqui uma enfermeira? Às vezes caem aí pessoas, é preciso dar injeções, têm que ir a Côja. Tem que alugar o carro ao Lourenço ou chamar uma ambulância para ir tomar uma injeção. Há aqui uma rapariga que as dá, mas não pode, porque não é enfermeira. É uma responsabilidade muito grande. Antigamente qualquer um dava. O meu pai também as dava e eu também dei muitas na tropa.

## Sonhos *Um*s cabeças de gado

Gostava de fazer tanta coisa só que não dá. Agora, se não tivesse gasto a massa na casa, era comprar meia dúzia de vacas e pô-las nuns bocados. Sou

sozinho, está tudo por minha conta. Mas não fazia como estes, que trazem aí cento e tal cabeças de gado e não têm nada que comer. Trazia-as num sítio uma semana, outro sítio noutra. Semeava-se um bocado por cima e tal. Às primeiras águas, rebentava e depois já tinha comida para elas. Entretinha-me assim.

### ***Avaliação Para aprender***

Acho bem este projecto. Vocês são capazes de aprender. Faz parte do vosso trabalho. Tiram conclusões disso. Ainda são novos.